

Aos setenta anos de idade, Augusto Magne continua debruçado sobre os livros, ávido de novidades, a receber sem parar as publicações do estrangeiro, constantemente preocupado com estar em dia com os progressos da ciência. Descansa trabalhando e distrai-se decifrando e examinando, fotografias de documentos e textos sem autor, manuscritos há oitocentos, setecentos, seiscentos anos atrás. É um boêmio, como o possa ser um virtuosíssimo sacerdote que só pensa em Deus, nas almas e nos livros, permanentemente distraído e extremamente afável com todos os que dele se aproximam. De saúde débil, tem por antiqüíssima companheira, uma velha dor-de-cabeça que nunca o deixa, mas que não o afasta do estudo. Tem cabeça de sábio e alma de criança esse vigoroso septuagenário, que deixou sua terra natal para talvez morrer mártir no Brasil, entre os selvagens, e que afinal vem dando a vida dia por dia para melhorar, engrandecer e estimular a cultura intelectual e espiritual deste Brasil do lado de cá. Sobre o qual hoje não sei dizer se é selvagem ou se é pior do que isto.

(In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7/7/1957.)

### **SOSA DA SILVEIRA, PROFESSOR.**

(1945)

O que eu mais admiro em Sousa da Silveira não é o filólogo perspicaz e seguríssimo, não é o incomparável anotador de textos, não é o sagaz e profundo e invejável interpretador de antigas e modernas mensagens literárias, não é o grandíssimo conhecedor da língua portuguesa, não é a inteligência afeita ao mesmo tempo ao rigor à exatidão das ciências físicas e matemáticas, e às finezas e sutilezas da poesia e da mística, não é o caráter alto, nobre, incorruptível, não é a simplicidade dos verdadeiros sábios; o que mais eu admiro em Sousa da Silveira é o *Professor*.

Ele realiza o ideal do mestre. Parodiando os velhos latinos, diria eu que “magister nascitur”. Sim: o bom professor já nasce feito. As técnicas, as metodologias, as psicologias e biológicas educacionais, os planejamentos, as motivações, os interesses vitalizados, enfim, todo esse aparato da moderna Pedagogia e da moderna Didática poderão *aperfeiçoar* o professor, mas nunca *farão* um professor: *magister non fit*. E Sousa da Silveira é desses mestres que nasceram feitos. Com todas as qualidades naturais do professor e com intensa, fortíssima vocação magisterial. Tão forte, que ele cedo deixou as atividades de engenheiro brilhante que era, para dedicar-se de corpo e alma ao magistério.

Sousa da Silveira é o professor completo e o professor permanente. Completo, porque exerceu todos os graus do magistério: primário, secundário,

normal, superior. Permanente, porque está sempre *ensinando*. Na cátedra ou na tribuna, no livro ou no jornal, na sala de aula, no salão de conferências, ou no remanso da amável vivenda da Rua Cosme Velho, Sousa da Silveira está sempre *ensinando*, muitas vezes sem o saber, sem o querer, sem o sentir.

Seguríssimo na sua especialidade, profundo e vasto nos seus conhecimentos, claríssimo, metódico, vivo, sempre interessante e simples na exposição, ele tem como poucos o dom de *comunicar*. É o seu carisma. Doutro lado, a sua extrema e irresistível simpatia pessoal, a serenidade repousante de sua fisionomia, seu sorriso acolhedor, à Dom Bosco, sua tolerância, seu amor à disciplina que leciona e à atividade magisterial lhe enriquecem a personalidade de professor e fazem dele amadíssimo pelos alunos. Não é raro encontrar-se entre estes verdadeira fascinação pelo velho mestre.

Convivo ou estou em contacto, mesmo por dever profissional, com um sem-conto de alunos ou ex-alunos de Sousa da Silveira. Pois bem: nunca encontrei duas opiniões acerca do homem, o que é altamente significativo, pois os melhores juizes dos mestres são os alunos. Mesmo os maus alunos.

Porém, o que completa essa extraordinária figura do *Professor* em Sousa da Silveira é seu acendrado e quente e universal amor aos alunos. O velho mestre ama-os como a filhos, interessa-se vivamente e fundamente por eles, fica feliz com seus progressos ou triunfos, e sofre com suas deficiências ou insucessos. Quando tem de dar uma nota baixa, fá-lo constrangido e amargurado. Preocupa-se obsedantemente com os alunos fracos, inventa mil maneiras de melhorá-los, de ajudá-los, de salvá-los.

Lembra-me como me comoveu sentir ao vivo o ano passado esse grande amor do mestre aos discípulos, de pastor às ovelhas, do pastor que não queria perder nenhuma das ovelhas que lhe foram confiadas. Doente, de cama, sem poder presidir ao exame dos seus alunos, ele os acompanhou de perto. Interessou-se por todos individualmente, fez recomendações sobre recomendações, deu todas as instruções para a execução das provas escritas e orais. E insistia: - Benevolência com fulano, que é fraco, coitado; ampare sicrana, que tem muitas qualidades, mas é pouco inteligente; lembre-se que eles estão sem o professor, portanto podem ficar desorientados, etc. E, terminado cada exame, ele exigia minucioso relatório. De aluno por aluno. – O que foi que lhe caiu no exame oral? – Como se saiu ela? – Que nota teve? – Sinto muito que tivesse sido reprovada, mas, infelizmente, foi merecida a nota... E assim por diante.

Durante essa mesma penosa e longa doença, disse-me o venerando mestre que se lhe fosse dado escolher as circunstâncias de sua morte, diria a Deus que queria cair morto dando uma aula! Isso define bem o homem!...

Que outros lhe chamem “o filólogo Sousa da Silveira”, que outros lhe chamem “Doutor Sousa da Silveira”, que outros lhe chamem, em futuro próximo, “acadêmico Sousa da Silveira”; para mim ele sempre será o Professor Sousa da Silveira.

(In *Alfa-Ômega*, publicação dos alunos do Colégio Pedro II,  
Diretor Fernando Ferreira, ano 2, nº 5, nov. 1945, pp. 2-3.)

**SOUSA DA SILVEIRA, PATRONO DO CONGRESSO  
INTERNACIONAL DE FILOLOGIA PORTUGUESA.**

(1973)

[Palavras proferidas em nome da Comissão Diretora do Congresso,  
na sessão inaugural de 12/11/1973, realizada no auditório  
da Reitoria da Universidade Federal Fluminense, em Niterói.]

Coube-me a honra, nesta sessão de abertura do Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, de falar das razões por que os organizadores entenderam de lhe dar como Patrono a Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira. No meu caso pessoal, esta honra é acrescida de alegria, porque muitos e muitos estreitos foram os laços que me prenderam ao venerando mestre e a ele ainda hoje me ligam, pela saudade e pela gratidão. Fui-lhe assistente durante 10 anos na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, e por mais tempo ainda o frequentei, num convívio quase diário, altamente proveitoso para mim. Aprendi então a admirar uma figura extraordinária de homem, desses que melhor representam a nossa espécie e nos defendem nas horas de cepticismo e de pessimismo quanto à capacidade ascensional do “homo sapiens”, constantemente atraído para os abismos e permanentemente convidado à mediocridade moral e espiritual. Tenho de refrear-me para não gastar todo o tempo desta homenagem a falar das excepcionais e peregrinas virtudes do amigo e paradigma, quando só me cabe evocar a figura do filólogo e do pioneiro da Crítica Textual no Brasil. Realmente, ninguém poderá negar a Sousa da Silveira a excelência e a precedência nesse setor.

Embora formado em Engenharia Civil, afeito à rigorosa e mecânica exatidão da Matemática e da Física, nunca perdera, ainda quando no exercício da primeira profissão, o gosto que no colégio adquirira pelas páginas modelares de prosa artística e de poesia. Não se dedicava então de corpo e alma às letras, porque entendia que o estudo delas se situava no plano conjectural, na área